

José Joubert Chaves
EDITOR

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA—LISBOA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogratura, zincographia, stercotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—LISBOA

PRIMEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 24 DE OUTUBRO DE 1904

NUMERO 51



S. M. O REI DE SAXE

O rei de Saxe, tio de S. M. o rei de Portugal, falleceu em 15 de outubro. Succedeu-lhe no throno seu filho e principe Frederico Augusto, primo de S. M. el rei, pois nasceu do matrimonio de fallecido rei de Saxe com a infanta de Portugal D. Maria Anna, que falleceu a 5 de fevereiro de 1864. Frederico Augusto Jorge Luis Guilherme Maximiliano Carlos Maria Nepomuceno Baptista Xavier Cyrano Romano nasceu em Pillnitz a 8 de agosto de 1852 e era filho do rei João de Saxe e da princesa Amelia da Baviera e succedeu no throno a seu irmão Alberto. Era inspector geral do

exercito allemão, chefe do primeiro regimento de guardas de Saxe, chefe d'atualsca provincial, do 16 regimento de infantaria bavara, do regimento de infantaria de Wurtemberg, coronel de dragões, cavalleiro da Ordem de Santo André, do Tosão d'Ouro e da Agnia Negra. Além de seu filho Frederico, que herdou o throno teve tambem a primeira Mathilde, que nasceu em Dirsch em 19 de março de 1883. A esposa do novo rei de Saxe sua e filha de condessa de Montignaco e está divorciada de seu marido desde 12 de julho de 1903.

CHRONICA

O ministério que Deus haja

O ministério finou-se, foi-se como um passarinho, de repente e sem um queixume.

Morreu. E no dia, sempre lembrado, do seu passamento, a Arada encheu-se, tomou aquelle característico que toma o largo da Palmatoria nos dias em que anda a roda.

Os amigos do extinto puzeram chapéu alto e sobrecasaca e foram velar o corpo para sob as arcadas, diante dos cartazes esfrangalhados e dos engraxadores, symbolos da vida d'essas paragens, que sem largarem a faixa discutiam e ensinavam o catreísmo do pretendente, cujos numerosos mandamentos se encerram em dois: ter constancia e dar lustro!

O loato correu, alastrou-se como uma mancha d'um pingo grosso de cêra de vela que illumina finados ao cahir n'um papel pardo; e a Baixa correu para lá, uma parte com sorrisos, a outra com lamentos:

— Collado, faz tanta falta! . . . E era muito bom! . .

Porém quando se soube que o morto deixara este mundo sem testamento, houve uma revolta, cochiçou-se, fizeram-se caretas como diante do cadáver d'um tio rico que deixa tudo á Ordem Terceira, e as phrases todas de lamúria e de saudade recolhe-



CHALET DA SENHORA MARQUÊS DO PAYAL EM CASCAES

Não foi de fome . . . Boas me fez! Não teve a tysi-a apesar de se ir ao cahir da folha . . . Não soubo o que foi soffrer . . .

E na tarde linda, toda azul e com baforadas quentes, aquella voz era ainda uma accusação, a raiva d'um humilhado!

A nação queixou-se, ficou de candeias ás avessas, porque não foi contemplada; mesmo os que não pretendiam, sentiram-se, porque o messianismo leva á esperança e o prizo sem a esperança de se empregar, de comer á custa do orçamento embora pague carinho o taller.

Aqui ha a ancia do emprego publico, embora não seja sonho pela idea de que se come do Estado. Eis a razão por que todos se sentiram ludibriados.

E' como quem compra cautelas e aguarda a sorte grande com fé; ou antes é como quem as não compra, á maneira d'aquelle gallego que em dia de andar a roda se punha á porta da Misericórdia a dizer:

— Deus queira que me saia . . . Deus queira que en apanhe!

— Mas em que numero jogou você?! pergunta-ram-lhe uma vez.

— Qual numero?! Eu não compro jogo! . . .

— Então como quer que lhe saia?!

— E' que quando Deus quer pode muito . . .

E' o caso da parte da nação que não se habilitou, e mesmo da outra parte que ficou a ver navios, porque se finou sem testamento o ministério que Deus haja.

ROCHA MARTINS.



A CASA DO SR. CONDE D'ARNOSO EM CASCAES

ram-se e os lenços não chegaram a desdobrar-se para apagar as lagrimas.

O ministério que Deus haja desapareceu n'uma linda tarde outomnal, de sol macio e doce, e á noite já cheirava mal, porque não recolhera ao caixão de chumbo do olvido. Em muitos peitos havia a esperança d'uma catalepsia. Mas não. . . Elle estava morto, tão morto que o sr. Hintze ao sahir do trem deixou cahir a pasta, como a dar a noticia ao publico por meio d'um symbolo:

— Tudo em terra! . . .

Um politico com ares mysteriosos, segurando um reporter pelos botões do casaco, narrava-lhe a agonia do ministério.

Fôra pathetica apesar de rapida . . . Revolvera-se ainda, olhara os parentes e dissera:

— Deixo-os sem pão.

N'aquelle burborinhar estranho, na confusão, na

balburdia já se ouyiam pragas:

— Isto não se faz! . . . Um ministério que morre sem testamento é como uma amante que nos roa a corda . . .

Ouyam-se apoiados; rugia a turba e gente de negro exclamava:

— Até vou pôr gravata encarnada! Ora o sujeito . . . Então, hein . . . E vele-o tanto nas doenças . . . Simi que elle teve muitos ataques e sempre se salvou . . . Fartei-me do lhe ajudar a pôr as cataplasmas . . .

Um amanuense famelico, que tossia, murmurava:

— Que importa . . . Que importa . . . Morreu! . . .



CHALET DA SENHORA DUQUEZA DE PALMELLA EM CASCAES



O SR. CONSELHEIRO HINTZE RIBEIRO
Ex-presidente do ministério demittido em 17 d'outubro



D. MARIA TE LAS NEICES
A fallecida princesa das As-nris, com seu marido e seus filhos



O BARÃO DE WEDELL JARLSBERG
Ministro da Suécia em Madrid e Lisboa, que veio entregar a Ordem dos Seraphins ao sr. conselheiro Hintze Ribeiro



O ASPECTO DA ARCADEA NO DIA DA DEMISSÃO DO MINISTÉRIO REGENERADOR

O ministério regenerador caiu em virtude da questão dos tabacos que tanto agitou o país. No dia 17 de outubro, tendo o sr. Hintze pedido e eleito o aliamiento das cortes para resolver o negocio dos tabacos e não lhe tendo sido concedido entregou a sua demissão.

Mal cessou a queda do ministério, formaram-se numerosos grupos na Arcadea, concorrendo ali os m. is. cendicados politicos da situação, que anteriormente aguardavam noticias, as quasi se se

conhoram em toda a verdade depois das 6 horas da tarde e quando o sr. Hintze assinou da sua secretaria.

Foi chamado ao paco o sr. conselheiro Pereira de Miranda, indicado pelo sr. conselheiro José Luciano, a fim de formar ministério, ao que aquelle illustre politico se recusou, ficando entao na presidencia do conselho o venerando chefe do partido progressista, que formou o seu ministério.



A FEIRA DAS MERCES NO DOMINGO 16 DE OUTUBRO

O GADO — VENDEDORES DE GUARDAS CHUVAS — UMA BOA JUNTA — UM ASPECTO DA FEIRA — OUTRO ASPECTO DA FEIRA — A VOLTA — A LUCCEIRA

É a mais importante feira do distrito de Lisboa e embora os mercados de padas, e de varios productos não tenham na região da Estremadura nem o pitoresco nem o valor das feiras miúdas e aldejanas, esta impõe-se pela variedade de tipos arrabaldoes que ali concorrem. Vêem-se carros de bois de feição, vehiculos quasi prehistoricos arrastados por alimões de todos os dãos, homens que discutem, mulheres de tipos viscosos que se apressam no local da feira, ranchadas que se mettem nos campos decorando as mercearias. A' mistura um ou outro lisboeta, curioso do pitoresco e d'un

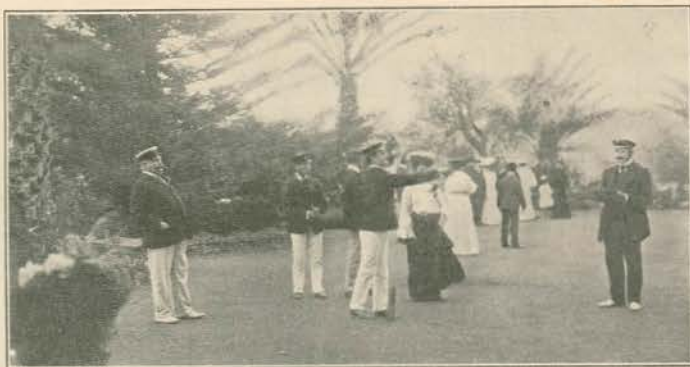
pouco de bom ar, que ri e vê as transacções, que contempla aquellas filhas dos vãos ideos de frotas e de leitões assados e se retira á noite, na boa paz, u'm comboio rapido que silva e o deixa no Resto. As feiras são uma maneira de animar o commercio de pequenas villas, de logarejos de minima importancia e á das Mercês vão em effeito grande numero de negociantes de muitas leguas em redondo com a mira nas vantagens e gosando a distração d'un domingo de sol e de bal-bureta.

PRAIAS DE PORTUGAL

CASCAES



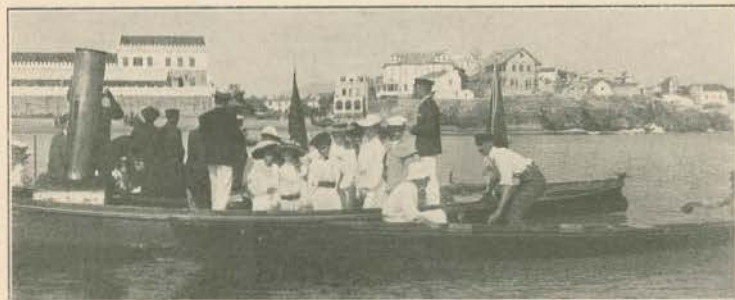
CASCAES é um burgo de pescadores que no inverno enristece diante das ondas encapelladas e da maior rudeza da fauna, que perdeja melancólico e com as casas ricas fechadas e com um fetido de maresia a espalhar-se. As barracas são fobregas, as rodas estendem-se na praia como tripas engelhadas atraídas para ali, e os barcos, encalhados quasi sempre, são como cadáveres



S. M. ELKEI ASSISTINDO AO JOGO DA MALHA NO «SPORTING»

monstra-o bem a villegiatura de SS. MM. n'essa praia-sinha de arrabalde, que se vai enchendo de chalets e de casinhas portuguesas, como a de sr. conde de Arnoso, que é bem typica com a sua alpendrada e os poises para vasilhos, com janellas de reixas, a velha geolosa mourisca, com os telhados singelos e o parreiral á porta e os cuchos a serem mordidos pelo sol.

Em Cascaes por este fim de estação faz-se como um torvelinho de diversões, porém, o luxo não existe ali, e como se fosse uma praia burguesa onde chefes de repartição enchem os achappes, não se vê uma *toilette* mais extravagante nem um jaquetão mais inglezado nem um monocoço mais petulante. A unica coisa que indica ser Cascaes a praia da aristocracia são essas festas do *Sporting*, por vezes cheias de gosto e originaes. De resto em Cascaes ha o viver comosinho, patriarchal, quasi convergonhal, de costumes simples e bem portuguezes, duas ou tres *soides*, meia dúzia de reuniões e o socego que não ha nas outras praias nem nas outras estações de reunião. Não ha um estardalhaço maior de equipagens, nem um jogo forte onde se façam apostas colossaes, nem um drama, nem uma paixão, nem uma arruaça. E o doce consolo d'um descanso que só é quebrado pelas festas realisadas duas a tres vezes por semana.



O GRUPO VENCEDOR DA REGATA DE SENHORAS

de cetaceos ao abandono. Velhos pescadores, homens curtidos por invernia e pelo mar, vagueiam diante das ondas e os novos lamentam a rizeja das temporaes, que lhes prohibe a conquista do pão.

Mas quando chega o verão e o sol chapta as paredes, quando as janellas apparecem carns rapadas de criados que veem a varrer e ospanejar, tudo se alegra. Já se vai ao mar, porque elle então torna-se doce e manso, já se alargam as travessias, as rodas enxugam, e na praia veem todas as manhas despojar-se cargas do peixe cor de prata que vão subindo de preço. A villa animase com o rodar das carroz-as que passam a troto com os locaies perfilados nas bobinas, tem ruidos fortes do automoveis que deixam fetidos de gasolina e um rastro barnhoso e poeirento, a correrem n'uma desfilada com os homens de mascaras pesadas e as senhoras de veus espessos; as salas do Club da Praia abrem-se, os terraços enchem-se de gente e no *Sporting* arranjam-se jogos, onde vão continuar os *pirts* comecados na praia diante da agua azul e serena, á hora em que se desce para o banho diante da senhorial cidadella.

Cascaes do burgo de pescadores transformase então n'um cantinho animado onde se refugia a corte.

A etiqueta é uma palavra vã na corte portugueza: de-



GRUPO NA PRAIA



A REGATA—UMA CHATA A CAMINHO DE TERRA



O «SPORTING CLUB»

na no *Sporting*, festas que duram duas a três horas; e a vida continua na praia, por ocasião do banho, n'uma simplicidade que agrada e faz esquecer do que se diz acerca das pompas do viver da alta roda.

A pratinha é simples com os seus barcos encalhados e com as suas barracas de banhos na faixa dourada da areia. A existência ali tem a mesma serenidade e a mesma mansuetude, apesar de lá viverem as primeiras famílias portuguesas. Não ha ali nem a ruidosa agitação da verde Nice, nem a barulheira com ventos de tragédia da lousa Monte Carlo, nem as cavalgadas estranhas de Aix nem mesmo o luxo pretencioso de Vichy.

Em Cascaes encerram-se meia dúzia de pessoas conhecidas, que, sem etiqueta, n'uma grande intimidade, descançam e fazem ingenuas diversões sem que as populações fluctuantes vão misturar a sua maneira cabotim aquellas ren-



UM ASPECTO DA REGATA



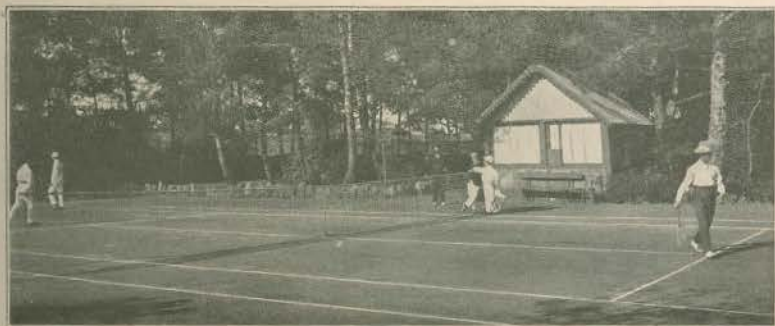
DEANTE DO CLUB DA PRAIA

nões, sem que vão os intrusos obrigar a uma vigilância. E' ali que se vê a desproporção da corte, do alto mundo official, dos grandes vultos do *high-life*, que se entretem jogando o *tennis* e a malha, esse jogo plebeu e nacional.

Por vezes ha a idola d'uma festa mais do vulto, mais cheia de interesse e ha logo um enorme entusiasmo. Trabalha-se, arranjam-se comissões, tratam-se tudo com antecedência, apresentam-se boas vontades, citam-se nomes, os jornais enchem-se de pormenores e a festa faz-se sempre sem um incidente, sem uma nota amarga. Uma scena de pugilato em Cascaes entre a roda elegante é um successo do que se fala durante semanas, uma palavra dita mais em tom de desalio constituo um successo e n'uma grande serenidade ali se passam dois mezes entre o banho da manhã e a diversão do *Sporting* á tarde e os concertos no Club da Praia á noite, diante do mar, com o terrapão illuminado, com um sombarrio de vozes femininas e com alguns refrões.



OUTRO ASPECTO DA REGATA



O RECINTO DO «TENNIS»

Cascaes tem todos os annos o seu eleito, o seu homem. A's vezes dois ou tres annos fala-se do mesmo, do que entra mais nas diversões, no que promove as regatas, os saraus, as *kermesses*, os *pic-nics*; depois o individuo desaparece, recolhe-se ao anonymo e sabe-se que... casou. O matrimonio leva-o a ver divertir os outros, a tomar parte por acaso n'uma quadrella ou n'uma corrida de automoveis, mas deixa a vida activa, reformase, cede o throno a outros que vão apparecendo e assim successivamente se vive n'aquella pratinha que tem lá no fim o rochedo da Boca do Inferno e ali na villa só consta d'uma faixa de areia onde é bom ver pelas manhãs os botes de velas enfunadas, casquinhas de noz que deslizam com bandos alegres de senhores e os barqueiros na praia, fortes e tostados, falando mão a mão com a aristocracia.

Quando a noite cae, ha um silencio pesado: parece que o inverno chegou. Depois anima-se frouxamente o club para d'ahi a algumas horas fechar, acabar, deixando n'uma quietação profunda a villa. Ao atravessarse uma rua ouve-se lá por deshoras uma guitarra que

toça; para-se, ha a esperanza que essa mocidade esteja renhida, turbulenta e de sangue na guerra a discentir sorrisos diante d'uma ceia. Mas não. São pescadores que folgum depois de terem contado os lucros do dia. A mocidade elegante essa vai encontrar-se em Lisboa, em trajos de praias e bebendo *berks* no Suizzo.

Depois vem novembro, começa a chover; voltam a correr-se os clubs e as janelas das casas; os combóios enchem-se com os ultimos veraneadores e os jovens dizem todos os dias torce retirando uma familia de Cascaes, que lá fica com a sua cidadella a olhar o mar que já se enturva e se encapella com grande desespero dos pescadores que não podem ir á falma.

E por este anno foram lindas as noites, todas banhadas de luar que enchia a praia e dourava os barquinhos ali encalhados, e as ondas vinham em marulhos mansos desenrolar seculhetas na orla serena da areia. Fazia pena por vezes essa praia tão linda e tão brilhante, tão cheia da poesia da lua, assim abandonada sem meia dúzia de guitarras que acordassem o burgo e sem uma voz sentimental que evocasse uma paixão.

E, então assim, com as casinhas pobres cheias de vida, Cascaes é bem o burgo misero de pescadores e de famintos que tem uma alvorada dois mezes por anno e se encasula quando chegam os temporales e as carrancas da inverna.



CONSELHEIRO ANTONIO EDUARDO VILLAÇA
MINISTRO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS



CONSELHEIRO JOSÉ LUCIANO DE CASTRO
PRESIDENTE DO CONSELHO



CONSELHEIRO EDUARDO JOSÉ COELHO
MINISTRO DAS OBRAS PÚBLICAS COMMERÇO E INDÚSTRIA



CONSELHEIRO MANUEL ANTONIO MOREIRA JUNIOR
MINISTRO DA MARINHA



CONSELHEIRO SEBASTIÃO CUSTÓDIO DE SOUSA TELLES
MINISTRO DA GUERRA



CONSELHEIRO JOSÉ MARIA D'ALPOIM
MINISTRO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS ECLESIASTICOS

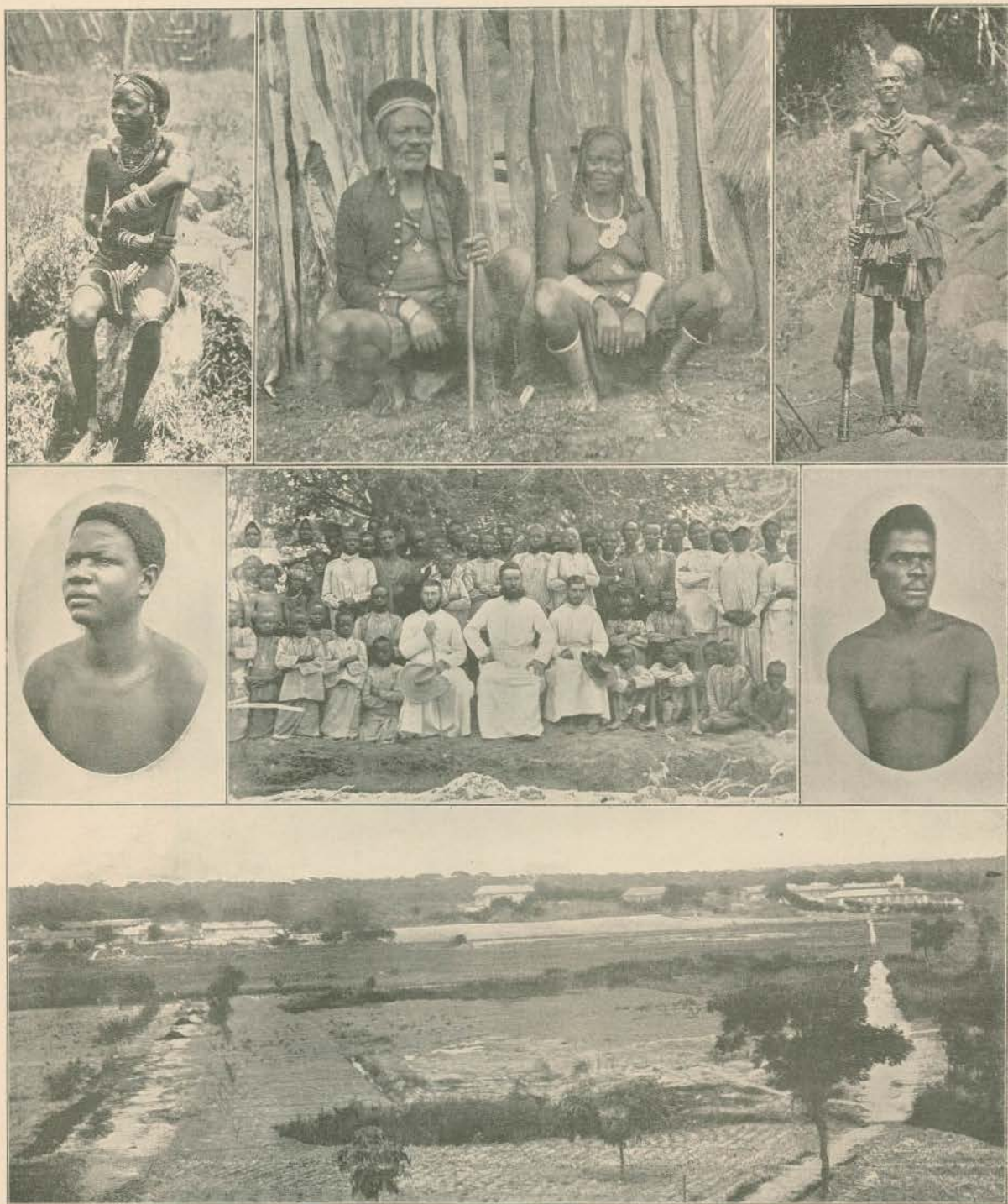


CONSELHEIRO MANUEL AFFONSO ESPREGUEIRA
MINISTRO DA AGRICULTURA



CONSELHEIRO ANTONIO PEREIRA DE MIRANDA
MINISTRO DO REINO

O NOVO MINISTERIO



COLONIAS PORTUGUEZAS: NAS REGIÕES ATRAVESSADAS PELA EXPEDIÇÃO AOS GUAMATAS

UM JOVEM DOS GAMBOS—REGULDO DO PAIS DOS GAMBOS COM SUA MULHER—UM FIDALGO DO PAIS DOS GAMBOS—CARREIROS DA LUZNA—SERVO DA MISSÃO DOS GAMBOS—CARREIROS DE LUZNA—A MISSÃO DA HULLA (VISTA GERAL)

Partindo de Lubanga, a expedição aos guamatás foi pelo rio dos Gambos atravessando a Hulla que é uma colónia florestante devido a sua enorme expansão aos matozinhos que ali estabelecem residência. A missão da Hulla tem prestado serviços d'uma importância maxima a essa região africana, conseguindo formar «filhos» que dominam terras de cultura e fiam, junto a officinas de tecidos desenvolvidas. Os negrinhos de menor idade são recolhidos pelas missionarias, que

além da educação profissional os instruem litterariamente. Tem muito bem installadas officinas de photographia, d'enquadramento, de sapataria e alfaiataria, servindo tambem os negros nos misteres de pedreiros e carpinteiros e outros. Nos Gambos ha mais uma escola, a que é d'uma grandissima utilidade para o fomento das nossas colonias.



CONCURSO D'AUTOMOVEIS EM CASCAES: S. A. R. O SR. INFANTE D. AFFONSO

Entraram 11 automoveis no concurso realizado no jardim do Sporting. Os vehiculos pertenciam aos srs.: infante D. Affonso, conde de Juncos, Fernando Formigal, Jorge Burnay, Botard da Fousera, Eduardo Mendonça, Rodrigo Pelote, Fernando Machado, Alfredo Falco, Jorge Bock e Luis O'Neill. As provas constavam: 1.ª Da passagem por baixo d'um portico com feixes de guisa. 2.ª Passagem por uma pista onde estavam colados paninhos, devendo-se deitar abaixo e maior

numero d'ellas. 3.ª Passar junto a um poste tocando uma sineta que d'elle estava suspensa. 4.ª Percever um caminho em forma de S. 5.ª Equilibrar o automovel sobre um trampolim. 6.ª Uma senhora sentada no automovel devia conservar um copo cheio d'agua. 7.ª Uma senhora no espaço menor de tempo sobre o automovel pôr um chapéo e um véo. 8.ª Uma senhora fazer um ramo sobre o automovel no menor espaço de tempo. Disttinguiram-se na prova do trampolim os srs. infante D. Affonso, Rodri-

go Pelote, Eduardo Mendonça e Fernando Machado. Nas provas em que entraram damas distinguiram-se as srs.ª D. Angelica Plantier, D. Alia Almedina e D. Jesus Salazar.

Foi, pois, cheio de interesse o concurso, tendo presidido Sua Magestade El-Rei e concorrendo aos jardins do Sporting grande numero de pessoas, que applaudiram os vencedores.



CONCURSO DE AUTOMOVEIS EM CASCAES — A PROVA DE TRAMPOLIM

O FINAL DO 3.º ACTO DA OPERA COMICA *OS DRAGÕES DE VILLARS* EM SCENA NO THEATRO AVENIDA



A HESPAÑA DEVE AO ENTENDIMENTO DOS SEUS DOIS GRANDES PARTIDOS



HA PERÉM UMA COISA QUE É PEOR E MAIS GRAVE QUE UM FERMENTO



O SENHOR É UM HOMEM OU É UM FACTO?
A DISCUSSÃO NA CAMARA DOS PARES ENTRE OS SRS. CONSELHEIROS JOÃO ARROYO E HINTZE RIBEIRO, PRESIDENTE DO CONSELHO

Anunciava-se que a discussão seria reuñida, que o sr. João Arroyo faria mais um dos seus discursos, sempre monumentaes de forma e d'um ataque rijo e sem tregua. As galerias eschecaram-se e todos aguardavam as palavras do illustre parlamentar com verdadeira curiosidade. Esperavase tambem a resposta do sr. Hintze e foyrno e dizal-o que essa resposta foi condigna do ataque. Raramente no parlamento portuguez se defrontam assim dois campeões tão experientados e tão eloquentes e d'ahi o grande numero de pessoas que disputavam os logares na camara.



NEM MOVERÁ, NEM DEMOVERÁ, NEM DEMOVERÁ
O sr. Arroyo contou a sua sabida do partido regenerador, disse que tinha estado em politica, sem facções, sem grupos, annunciando a morte dos partidos, depois de historiar a acção d'elles nas diversas pacoas da Europa; e o sr. Hintze Ribeiro, fazendo justiça ás qualidades do eminente parlamentar, retribuiu-lhe cheio de correcção e de eloquencia, concluindo por dizer que, se o sr. conselheiro Arroyo nada mais tinha a dizer em materia de incriminações, sua sua convicção que nada se moveria, nem moveria, nem se moveria!

O GRANDE CAGLIOSTRO

NOVELLA HISTORICA

ORIGINAL DE CARLOS MALHEIRO DIAS

A voz de Cagliostro tinha agora, ao fallar-lhe, as branduras fraturnas de um confessor. Baixo, pensando-lhe a mão no hombro, contava-lhe as suas missões na Inglaterra, os serviços que prestara á maçonaria franceza, transformando-a n'uma conjura politica e associando-a á Revolução. Quando, em 1721, alguns jacobitas ingleses, refugiados em França, tinham fundado em Dunkerque, sob o titulo de *Amizade e Fraternidade*, a primeira loja maçonica, e quando, alguns annos depois, lord Derwentwater fundara no bairro de Saint-Germain, em Paris, a loja da aristocracia ingleza, a maçonaria constituia apenas nucleos de espionagem, que policiavam, por conta dos governos estrangeiros, o progresso do philosophismo na vida politica da França. Mas o alcance d'essa vigilancia era pequeno. Fora necessario associar um grande nome francez, o do duque de Antin, aquella conspiração secreta, para que a maçonaria progredisse na sombra como um incendio soprado por ventanias. E desde essa hora, a franco-maçonaria fôrão libertando da tutela ingleza, até que a *Grande Loja Inglesa de França*, de todo emancipada, se transformara na *Grande Loja de França*, prestida pelo conde de Clermont.

— Não vos conto estas cousas esquecidas para vos impor os meus conhecimentos. Quero apenas elucidar-vos. De pouco vos serviria crear uma loja franceza em Lisboa. E'vos indispensavel conquistar um grande nome, confiar o grão-mestrado a um homem poderoso, intangivel á policia. O duque de Lafões é tio da Rainha, conselheiro do principe real, inimigo do Intendente, tenente general do exercito, governador das armas da corte, presidente da Academia. E' o vosso homem! Captae-o: elegel-o! Lembrae-vos das discordias a que de-um origem em França as eleições de Lacorne e do Chailion de Juville, que se terminaram com as eleições do duque de Chartres e do duque de Luxembourg! Posso fallar-vos n'essas luctas, porque intervim n'ellas! Durante dez annos, todos os segredos do *Grande Oriente* de França passaram pelas minhas mãos. Guardae os vossos segredos, como eu guardei os meus! Quando menos julgaes, tendes um thesouro! O segredo é como o capital. Pode-se viver das suas rendas! E' porém necessario guardal-o intacto. A' medida que o gastamos vão diminuindo os rendimentos! Guardae os vossos segredos! Não dereis nem podeis desvendal-os! Estae a isso obrigado por juramentos sagrados! Eu fui, como vós, encarregado de missões secretas no estrangeiro. Sei o que vale um segredo. Se algum—um grão-mestre que fosse!—tentasse apas-ear-se pela astucia ou pela força dos projectos que me tinham sido confiados, matal-o-hia!

Francisco Gilles approvou com uma leve inclinação do cabeça essa phrase sinistra.

Os dois homens entreolharam-se. Cagliostro continou:

— Vindeis commetendo um grave erro desde o principio! Os segredos não se guardam nas mausardas das hospedarias! Julga-vos pobre e usaes meias de seda! Que importa que os vossos punhos estejam onxovalados? São de rendas d'Alençon! Não sahis de dia, n'um paiz onde a policia só vigia os que sabem do noutro! Ainda não comecesteis a executar a vossa missão e já sois um suspeito! Pretendeis as relações de personagens da mais alta gerarchia e viveis occulto como um criminoso! Precisaes de subir ocaidas de palácios e não onsaes sequer descer as escadas de uma hospedaria! Sois francez e não conheceis o embalsador de França! E' uma falta grave! O embalsador é realista e catholico! Por isso mesmo vos poderia proteger e auxiliar! O duque de Chartres devia ter-vos conseguido apresentações officiaes. Estai no menos em ordem o vosso passaporte? Não? Substitui-o depressa! Sois um homem perdido. Não vos dou uma semana de liberdade!

O homem da perna apoiara os cotovellos na mesa e tinha a face livida entre as mãos abertas.

Com uma voz quasi moça, Cagliostro la largando toda a matilha das suas ameaças contra aquelle corpo cercado, que principiava a agouinar no seu esconderio.

— Embora recuseis os meus serviços, acceitae os meus conselhos! Mudae depressa de domicilio e do aspecto! Em Portugal, os homens ainda usam carmin! Sois um homem bilioso, como o senhor d'Alguillón! Pintae-vos! Disfarae-vos! Adquiri outra cabelleira! Arranje novo passaporte! Inculcae-vos secretario da embaixada de França! Deposteis em logar seguro os vossos papeis! Alguae uma sege! A fortuna dá menos na vista que a miseria! Empréstae-vos-hei dinheiro! Arranje-vos-hei um passaporte! Porei á vossa disposição as minhas joias! Imaginai que não pretendeis acerbar-vos da nobreza com esse trajo? Os philosophos são aqui mal apreciados! Arranje um aspecto seductor o brilhante! As cartas de que vindeis munido dar-vos-hão um accesso rapido na corte. Gulae-vos hei no labyrintho, seguirei de longe os vossos passos, prompto a acudir-vos ao menor perigo! E se, apesar de tudo, a sorte vos fôr adversa, se a policia vos perseguir e prender...

— Denunciar-vos-hei como meu cumplice!— atalhou,



com vivacidade, Francisco Gilles, voltando para Cagliostro a face livida, sob o reflector de latão do candieiro.

Cagliostro encolheu os hombros.

— Ninguém vos acreditaria!

— Sois o fundador de um rito maçonico! Conspirastes em França! Como explicaeis a vossa residencia em Lisboa com um titulo falso?

— E' o meu segredo! Guardae os vossos: deixae-me os meus!

Desesperado, Francisco Gilles perguntou com intimidade:

— Que fazeis em Portugal?

Cagliostro sorriu, enfiou as mãos nos bolsos da vestia de setim, disse com uma attitudde desdenhosa e aborrecida:

— Interrogaes-me?

Francisco Gilles ergueu-se, juntou os papeis espalhados na mesa, atou-os com uma fita de seda vermelha, lacrou-os, estendeu-os a Cagliostro, que contemplava, impassivel, aquelles preparativos vagarosos.

— Aceito o vosso conselho e a segunda condição da vossa proposta. Confião-vos os meus documentos!

— Quando me denunciareis?— perguntou Cagliostro com gentileza.

Francisco Gilles molhou no tinteiro de latão a penna de pato, estendeu-a a Cagliostro.

— Tendes duvida em passar-me um recibo?

Cagliostro, disse, impertinente:

— Em que termos o quereis?

Francisco Gilles sentou-se, cruzou a perna, respondeu:

— Eu dicto!

Cagliostro pousou a penna, afastou o papel.

— Vejamos as vossas condições!

— Passaes o recibo como conde de Cagliostro, grão-mestre do rito egypcio, confirmado com o vosso sello maçonico...

— Isso no que se refere á assignatura...?

— Acceitae?

Cagliostro, respondeu, sorrindo:

— Aceito!

A surpresa affogou-se por um instante a face livida.

Mas sem deixar de sorrir, Cagliostro objectou:

— Faltia saber se da vossa parte annua a que em declara no recibo ter accetado em deposito reservado e confidencial papeis cujo texto ignoro, do senhor Francisco Gilles, franco-maço, encarregado pelo *Grande Oriente* de França de uma missão secreta em Portugal, com credenciaes do senhor duque de Orleans, grão-mestre da maçonaria franceza, e n'este momento occulto n'um quarto de mansarda da hospedaria Neutral, em Belem.

Francisco Gilles retroquin de salto:

— A redacção é capiosa! Vindeis de confessar-me que conheceis o texto dos documentos!— Depressa esqueceis a aneddotica da tuca de chá...

Sem se perturbar, Cagliostro disse com uma ironia affectada:

— Estaes então de accordo em que nenhum interesse posso ter em guardar papeis que já conheço e cujo deposito me compromette?

Francisco Gilles morden o labio, perguntou com credulidade insidiosa:

— Quando posso mudar de hospedaria?

— Quando vos aprouver... Serei até ao limite de mil luizes o vosso banqueiro... O *Grande Oriente* de França merece-me credito...

Francisco Gilles ergueu o reflector do candieiro de azule, entreteve-se a limpar o morrão das duas mechas fumegantes, que depositou no balde, suspenso da columna de latão por um pequeno cadeado. E voltando-se de repente, disse:

— Agradeço-vos. Trago dinheiro commigo!

Cagliostro não pestanejou. Nenhuma luz de alegria trahiu o alvoroco interior em que o deixava aquella revelação imprudente. N'aquelle instante, a sua consciencia implacavel condemnou aquelle homem.

— N'esse caso, aconselho-vos a fazer a vossa mudança immedial! Fugi de hospedarias! Installei-vos! Colheo uma casa mobiliada, no caes do Sodré, que vos sorve. Podeis vela amanhã. Deixae no quarto apenas as roupas e o que não offereça perigo de comprometter-vos. Aparecei ao meio dia no café do Grego, onde podeis almorçar. Mandarei um homem de confiança mostrar-vos a casa. Se ella vos convier, tratareis logo do aluguel. Tende cuidado que não vos explorem. A

casa foi-me offerecida por um cruzado de moeda portuguesa, pagos adiantadamente em cada mez. Em Lisboa, é já uma renda exagerada. Tereis uma sala forrada de melancia branca, com cortinas e reposteiros da mesma fazenda, um canapé, um velho cravo, as mesas e os bufetes com saias de damasco, ao uso da terra, um optimo lustre com girandolas de crystal, além de um gabinete e de dois quartos. Podeis suppor, com um pequeno esforço de imaginação, que estais em Versailles. Em vos convidando a casa, mandou buscar as vossas roupas. Arranjar-vos-hei um passaporte com o visto do embaixador. E quando tiverdes uma sege e outra cabelleira, pedirei por vós, ao duque, uma audiência. Não vos exijo recibo pelos meus serviços. Vejo-vos embarcando e tira-vos do embarque.

Francisco Gilles parou ainda por um momento à beira do precipício, perguntou com inquietação:

— Que interesse tereis vós em denunciarme?

Cagliostro encolheu os hombros.

— Procurae!

— Confio-vos os papéis — disse com voz tremula Francisco Gilles.

Cagliostro respondeu com voz calma:

— Não vos levantarei difficuldades. Guardai-os hei durante vinte e quatro horas.

Francisco Gilles notou com sagacidade:

— Ainda ha momentos, vos offereci para aceitar sem preço esse deposito!

— E porque não vos embaieci?

— Era mesmo uma das condições...

— Já desnecessaria, porque desisti de vos captar a confiança!

Francisco Gilles tentou imitar o sorriso de Cagliostro.

— Tereis escrúpulos de me guardar, também por vinte e quatro horas, um cofre com dinheiro em ouro?

Cagliostro acarinhou, sob a casaca de seda, as curvas das pistolas, perguntou com uma dignidade digna de Turgot:

— Quanto possuia em dinheiro?

Vigiando-o através as palpebras meio cerradas, Francisco Gilles disse baixo:

— Mil e duzentos lúezes.

Importar-bavel, Cagliostro tirou do dedo um anel de saphiras e brilhantes.

— O corvino Hostier vendeu esta saphira á duquesa da Châteauneuf por cem dúplos lúezes.

Francisco Gilles examinou o anel á luz do candelão e pôs-o na mesa.

Gravemente, Cagliostro tirou do indicador um novo anel.

— Este brilhante da Índia foi o primeiro presente do conde d'Artois á lady Barimore. Está avaliado em sete mil lúezes. Podeis enfiar nos dedos, com mais este rubi, dado por Jorge III ao duque de Queensbury e perdido ao Jorge do pharaó, um valor superior a quinhentos lúezes. Guardae nos bolsos do fraco ainda este precioso anel chamado *atriado* e este diamante azul,

do seis grãos de peso, que o joalheiro Roncu avaliou em doze mil escudos.

Francisco Gilles ergueu a cabeça.

— Que quereis que faça d'essas joias?

Cagliostro disse com solemnidade:

— Guardae-as. Não ides reintegrar-me mil e duzentos lúezes? Essas joias servirão de caução ao deposito. Não quereis dever-vos provas de confiança. Desejo que avaleis no seu devido preço os serviços que vos presto.

O suor continuava a cahir em grossas bagas da fronte de Francisco Gilles.

— Tirae a perna! — disse Cagliostro, que o examinava attentamente.

— Tendeis forçosamente, me servir-me, quaisquer in-

CONVIO-VOS OS MEUS DOCUMENTOS

tenções occultas! — murmuraram os labios brancos, onde perpassava um fremito de terror.

— Só agora o suspetaes? — perguntou Cagliostro com a sua voz tranquilla. — A generosidade é a virtude dos simples!

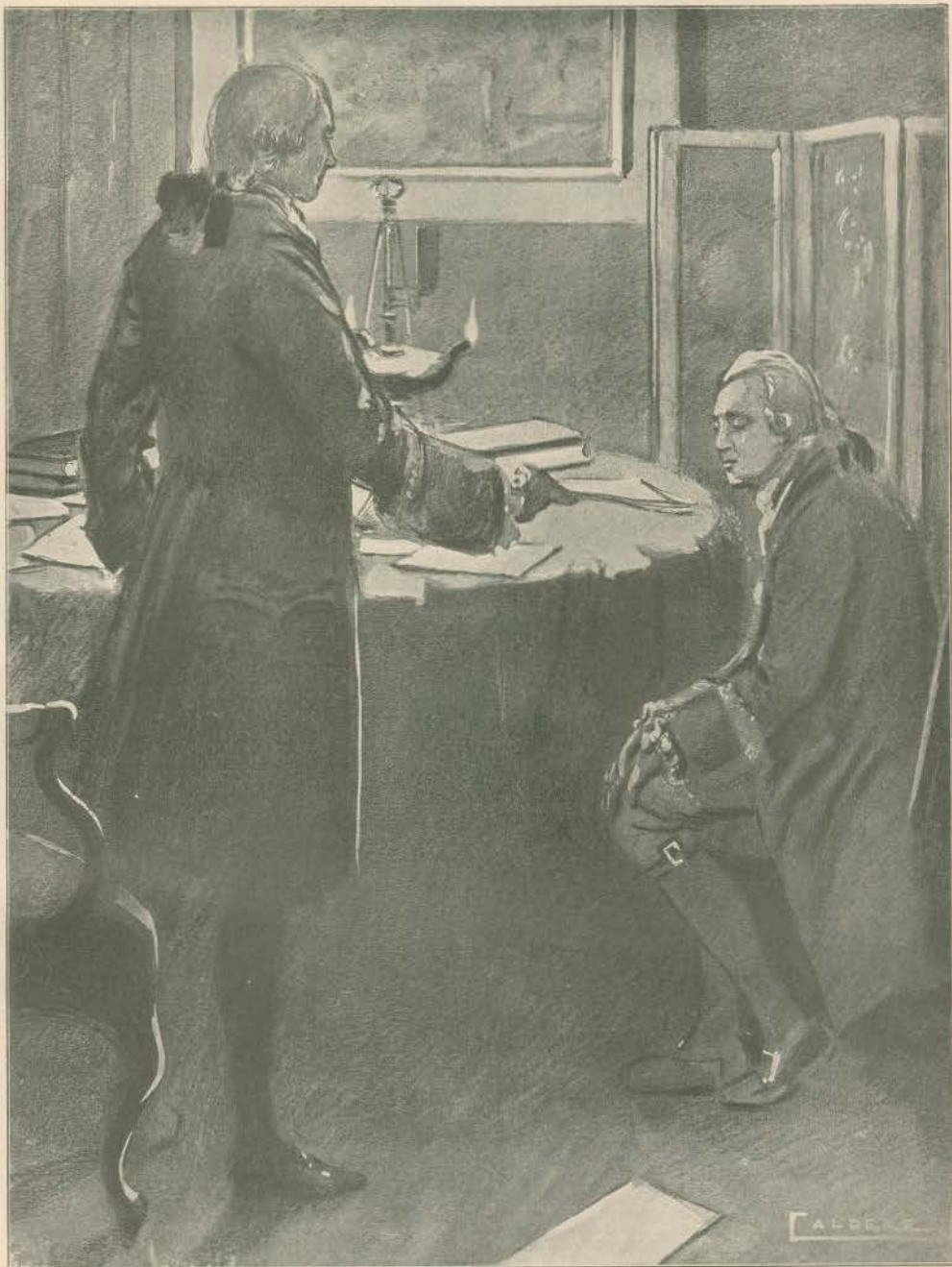
E pode um homem, que confia nas vossas mãos a vida, o dinheiro e a honra, saber quaes sejam essas intenções?

Cagliostro ergueu-se, disse com uma voz terrivel e magoadá:

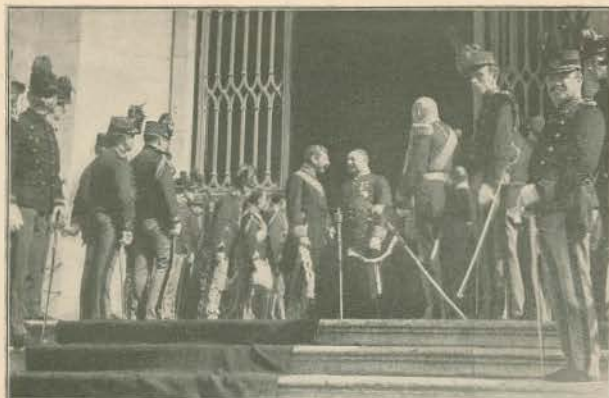
O suor continuava a cahir em grossas bagas da fronte de Francisco Gilles.

— Tirae a perna! — disse Cagliostro, que o examinava attentamente.

— Tendeis forçosamente, me servir-me, quaisquer in-



(Continúa.)



AGUARDANDO A CHEGADA DE SS. MM.



A RAINHA SENHORA D. MARIA PIA SAHENDO DA EE



A ARTILHARIA NO TERREIRO DO PAÇO



UMA PEÇA PROMPTA PARA AS DESCARGAS

AS EXEQUIAS POR ALMA DO FALLECIDO REI D. LUIZ

CHRONICA ELEGANTE

Desde as afamadas modas do primeiro imperio que não primaram nem pela elegancia nem pelo cunho artistico, posto que apparentassem a mais ficticia grandeza no clinquant das ornamentações, nunca se tornou a ver como actualmente uma tão accentuada predilecção por tudo quanto brilha e salta aos olhos, muito embora se saiba que nem tudo que luz é ouro. O ouro, a prata, as pedrarias multicolores, as perolas de toda a especie compõem a mais brilhantes e atraheentes garnições de *toilettes* de varios generos e a justo dizer-se que hoje em dia se applicam e empregam da forma mais artistica e seductora. Palmas já dos bordados em que entra inevitavelmente o fio de ouro



FIG. 1

ou prata e que constituem uma das ornamentações predilectas especialmente para trajes de nupto.

As joias são o complemento obrigado d'estas vistosas

toilettes e tambem nunca se exhibiram tão profusamente como agora. Os brilhantes verdadeiros ou imitados figuram simultaneamente com a mais audaciosa semcerimonia, a ponto que algumas poucas possuidoras de pedras valiosas e authenticas se retrahem de as usar, recelando que as julguem falsas. Outras acham que para fazer vista é inutil arriscar-se a perder um objecto da vezes de grande valor, e apresentam-se com joias que fazem vista somente. Compreendendo-se que estes *tracs* não são privilegio de pessoas de reconhecido bom gosto.



FIG. 2

contes a uma millionaria americana; um collar de sapphyras pallidas todas perfeitamente eguas na cor e dimensões de que é possuidora uma das mais formosas archiduezas austriacas.

Estas, porém, adoptam agora um uso puramente pessoal e seu. Abstom-se de joias vulgares, por mais valiosas que sejam, e usam uma unica, broche, pulseira, anel, agrafe, alfinete ou seja o que for, mas de incalculavel valor e impossivel de imitar. Está nestes casos um alfinete ou broche usado por uma grande dama da corte de Inglaterra, composto de 15 brilhantes cor de rosa talvez unicos; uns fios de perolas alternadamente rosadas e negras pertencentes a uma millionaria americana; um collar de sapphyras pallidas todas perfeitamente eguas na cor e dimensões de que é possuidora uma das mais formosas archiduezas austriacas.

N'outra ordem de objectos raros, sem attingir a simpatuosidade d'estes, estão as joias antigas, de incomparavel valor artistico, que hoje são loucamente procuradas. As joias de phantasia de aspecto simples que acompanham trajes de passeio offercem tambem notavel originalidade. Vêem-se *santeirs* de ferro com brilhantes, pulseiras e brochos d'aço cravejados de turquezas e coral rosa, alfinetes de amalfoitos de ferro com um pinçante formado por uma unica e enorme perola em forma de péra, etc.

Como se vê, a originalidade tem a preferencia de todas as pessoas de bom tom e é mais apreciada do que a riqueza sem arte.

FIG. 1—*Toilette* de passeio em *ben-galine* cor *pau-brã* ornada de galões bordados a ouro sobre fundo azul escuro, *tailleur* no peitilho e punhos. Cintro, laços e chapéu de veludo *bien de roy*.

FIG. 2—*Toilette* de recepção em *crêpe* de *China* rosa com o corpo bordado a perolas e fios de prata. Gravata de gaze *rayée* de prata.

FIG. 3—*Costume tailleur* em linceo cinzento com garnições de veludo preto. *Margia* de feltro cinzento com plumas pretas. *Chemisette* e *collarinho* de *falhe* branco.



FIG. 3